



Protesto contra o ex-presidente diante do tribunal de Nova Iorque.

Juiz marca julgamento de Nicolás Maduro e da mulher para 1 de junho de 2027

EUA Ex-presidente venezuelano e Cilia Flores são acusados de crimes relacionados com narcotráfico.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O ex-presidente venezuelano Nicolás Maduro, capturado numa operação militar norte-americana em Caracas em janeiro e transferido para uma prisão de Nova Iorque, vai começar a ser julgado por crimes relacionados com narcotráfico a 1 de junho de 2027. A data foi anunciada ontem pelo juiz Alvin Hellerstein, do Tribunal Distrital de Nova Iorque, após uma nova audiência com o ex-presidente e com a mulher, Cilia Flores, capturada também em janeiro e acusada dos mesmos crimes.

Foi a terceira audiência desde a detenção do casal, sendo que nenhum deles falou durante o procedimento que durou uns 15 minutos. Nas audiências anteriores, ambos rejeitaram as acusações de narcoterrorismo, conspiração para o tráfico de cocaína e lavagem de dinheiro. Caso sejam considerados culpados, arriscam a prisão perpétua. “Não sou culpado. Sou um homem decente, o presidente constitucional do meu país”, disse Maduro em espanhol na audiência em janeiro, onde foi formalmente acusado.

O Ministério Público norte-americano tinha proposto na terça-feira que o julgamento começasse em junho, tendo a data recebido luz verde da defesa do ex-presidente. Os advogados de Maduro preveem apresentar as

suas moções pré-julgamento em setembro, sendo que a acusação espera entregar a maior parte das provas contra ele em novembro.

A defesa do ex-presidente contesta a legalidade do “rapto militar” de Maduro, de 63 anos, e da mulher, de 69. O advogado Barry Pollack disse que vai tentar arquivar o caso com base no argumento de que Maduro deveria ter imunidade processual como chefe de um Estado soberano. A então vice-presidente Delcy Rodríguez assumiu a presidência interina desde a captura de Maduro. Esta invocou a sua imunidade como chefe de Estado num processo civil nos EUA movido por três cidadãos norte-americanos que alegam ter sido presos e torturados pelo regime. A administração apoiou esse argumento junto do tribunal, com a agência AP a noticiar em maio que os procuradores norte-americanos receberam ordens para não investigar Rodríguez noutros casos.

Em abril, Washington aceitou modificar as sanções contra a Venezuela para permitir ao Governo de Caracas pagar os honorários dos advogados que defendem Maduro e Flores – foi um dos argumentos da defesa nas outras audiências para pedir o cancelamento do processo. No exterior do tribunal, voltaram a concentrar-se apoiantes e opositores do ex-presidente.

BREVES

Orbán faz apelo contra “tirania” de Magyar

O ex-primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán anunciou ontem que ele e o seu partido, Fidesz, vão liderar um movimento pacífico de “resistência” contra o que chamou de exercício tirânico do poder por parte do novo governo de Péter Magyar e do Tisza. “Este novo sistema político não é uma democracia, é uma tirania”, disse Orbán. Numa conferência de imprensa realizada em frente à sede do partido em Budapeste, alegou que a emenda constitucional aprovada na semana passada pela maioria do Tisza no Parlamento — que destituiu o presidente e estabeleceu um limite de mandato de 12 anos para os deputados — “desmantelou o Estado de Direito e eliminou o sistema de pesos e contrapesos”.

Macron convence ministra a ficar

O presidente francês, Emmanuel Macron, convenceu a ministra para a Transição Ecológica, Monique Barbut, a ficar no cargo. Isto depois de ela ter anunciado a demissão em protesto pela aprovação da lei de urgência agrícola que abre a porta, em casos especiais, à reintrodução de dois pesticidas proibidos que são considerados prejudiciais para as abelhas. “O presidente da República recusou a sua demissão. Em contrapartida, ambos concordaram em três prioridades fundamentais da sua ação: as florestas, a água e a saúde ambiental. Três dossiers nos quais Monique Barbut aceitou continuar totalmente envolvida”, indicou à AFP o gabinete da ministra.



Cartas do Brasil João Almeida Moreira

Briga de cachorro grande

No Brasil, ouve-se uma frase curiosa desde 2002: “Perdemos a *Copa* outra vez”. E é curiosa porque em princípio nós, seres humanos, só perdemos aquilo que temos: as chaves de casa, o telemóvel, a cabeça, a vida... Logo, ao dizê-la, os brasileiros sentem que a *Copa*, por defeito, é deles. Se não a ganham, é porque a perderam.

Para quem vem de fora — de um país que nunca a venceu — pode soar a arrogância. Mas é lógica: o Brasil tem tudo, muito de tudo, para ganhar Mundiais de Futebol e, por isso, apesar da longa crise atual, ganhou mais do que a concorrência.

Porque se o futebol é o mais romântico dos desportos — um baixinho de 1,70 pode levar a Argentina às costas e um filho de marroquino e guineense de um subúrbio problemático pode ser um herói em Espanha —, o Mundial é talvez a menos romântica das suas competições.

Se retirarmos da equação o excepcional Uruguai, bicampeão na pré-história da prova, sobra um grupo muito exclusivo de vencedores: além do Brasil, a Alemanha, a Itália, a Argentina, a França, a Inglaterra e a campeã Espanha. Sete países. Sempre os mesmos. Ao longo de quase um século. O que têm em comum? Chamemos-lhes os três “P”: população, PIB absoluto e paixão.

Vejamos, como exemplo, o citado Brasil. Com mais de 200 milhões de habitantes, tem uma gigantesca base de recrutamento; o PIB brasileiro, não necessariamente o *per capita*, mas o absoluto, está no *top-10* mundial; finalmente, o povo tem paixão assolapada por futebol e pela seleção nacional.

Alemanha, Itália, Argentina, França, Inglaterra e Espanha

estão todos, uns acima, outros abaixo, no *top-40* das tabelas de população e de PIB absoluto, e são, como o gigante sul-americano, apaixonados pelo jogo — a paixão que falta a alguns dos mais populosos e mais ricos países do mundo, como os EUA, que ainda divide atenções entre NFL, NBA, MLB, NHL e desportos individuais, a Índia, louca por críquete, e a China e a Rússia, com mais vocação e interesse olímpico, apesar de a segunda, hoje suspensa, ter boa tradição futebolística.

Portugal? Ao contrário de americanos, indianos ou chineses, não lhe falta o “P” de “paixão” e vem fazendo bem o trabalho de casa, formando gerações de craques, investindo em conhecimento técnico e infraestrutura material, mas parte sempre, como também Países Baixos, Bélgica, Croácia e companhia, em desvantagem estrutural nos outros dois “P” face aos cachorros grandes citados.

Por mais que custe ouvir, um brilharete num Mundial, tipo chegar às meias-finais ou final, ou uma conquista em provas de âmbito europeu parecem ser o teto.

Pelo contrário, países como México, Colômbia, Turquia e Nigéria têm os tais raros três “P”, de população, de PIB absoluto e de paixão. Se fizerem um inteligente, exigente e persistente trabalho de casa podem estar na calha para ganhar a primeira *Copa* e integrar a matilha de cachorros grandes num futuro mais próximo ou mais distante.

Mas só numa edição em que Alemanha, Itália, Argentina, França, Inglaterra e Espanha não a ganhem. E o Brasil não a perca.

Jornalista, correspondente em São Paulo